

EU E DEUS

Professor: Franklin Leopoldo e Silva

Monitor: Guilherme Peres

Sala: Verde

Aula 5 - Sartre

Deus como o horizonte dos projetos humanos. O homem é o desejo de ser Deus -
23/11/2011

Jean-Paul Sartre (1905-1980) foi um representante do existencialismo ateu. Ele mencionou o existencialismo cristão para apontar as incoerências de um ser que divide com o homem a própria construção. Na filosofia existe uma hierarquia que governa a compreensão de todos os seres, e a pergunta é "o que (ou quem) é?" Isso pressupõe uma linha de resposta que tende a direcionar a compreensão à *essência*.

Aristóteles dividiu o pensamento em dois campos: *substância* e *essência*, ou seja, os acidentes e o que se explicita na existência. Enquanto mantemos com um objeto uma relação superficial, temos contato com o acidente, mas isso muda muito rapidamente. Para entender algo, é preciso conhecer o que o define, que é permanente. A *essência* é o atributo que define o objeto e que ele deve conservar, caso contrário deixa de ser o que é. É o núcleo do objeto: a existência é uma explicitação, ao longo do tempo, da essência de alguma coisa.

No século 19 ocorre um questionamento da prerrogativa da essência. Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), valorizador da história, afirmou que o homem está inserido em um processo, e que está em constante mudança. Friedrich Nietzsche (1844-1900) e Karl Marx (1818-1883), por exemplo, aquele não aceitava a subjetividade do humano e o retratou como sujeito a pulsões desordenadas, enquanto este valoriza mais que Hegel a história, considerando-a uma imposição ideológica de uma classe dominante.

Sartre é autor de uma frase famosa, considerada símbolo do existencialismo, de que, no caso humano, *a existência precede a essência*. O ponto de partida é a existência, e nada pode precedê-la antes que ela exista, algo muito próximo da ideia de *ser-aí* (*dasein*, em alemão, sugerindo uma causalidade, um abandono) de Martin Heidegger (1889-1976). Sartre então defendeu uma tese ontológica, pretendendo definir o humano. É visível que ela não produz uma definição precisa quanto a anterior, pois seria preciso criar as definições através da existência, de atributos acidentais. Mas como conhecer o humano pelo que muda, por aquilo que não é constante?

Através desse pensamento, seria preciso mostrar que isso é uma exigência humana, advinda da fenomenologia de Edmund Husserl (1859-1938), que retomou René Descartes e explicou os problemas da representação da consciência como um ente dotado de ser. Sartre tira as consequências disso: o que é a subjetividade que nos define? Não é nada, senão uma intenção de nos relacionarmos com algo além do movimento, com o que não somos. A nossa condição, o nosso ser é esse processo de existir: o que nos determina são as transformações, e não possuímos nenhum tipo de solidez ontológica ou metafísica. A intencionalidade, como indica indeterminação, é indicativa também de que a

subjetividade é igual à *liberdade*, que aqui deixa de ser uma faculdade enaltecadora e é destituída de dignidade.

A liberdade é consequência direta da definição da consciência como intencionalidade. Somos totalmente livres, capazes de escolher tudo, menos *não sermos* livres, pois a liberdade não é mais uma questão ética. Isso faz com que o ser humano se torne o que for consequência de sua liberdade, e as escolhas não serão definitivas, obrigando-o a continuar escolhendo sem nunca chegar à essência. Só é possível supor uma liberdade se ela surgir do *nada*, uma vez que, se viesse de algo, estaria condicionada e não seria total.

Em função disso, nosso processo de subjetivação – o movimento rumo a se tornar indivíduo, nosso desejo de identidade – se intensifica: o fato da existência preceder a essência faz com que nossa preocupação com ela aumente, apesar desse desejo de alcançá-la ser irrealizável. Tudo que nos tornamos é para que deixemos de ser. Todas as nossas escolhas são apenas parte de um processo que nossa morte interromperá antes que acabe. Para que ele acabasse, seria preciso que se realizasse a totalidade humana.

Mas é a *falta* que nos constitui, e é impossível de ser suprida. Somos o desejo de totalidade. Constituímos nossa vida a partir de um projeto de ser e o desejo de ser. Queremos transcender, mas a transcendência é decepcionante: o desejo existe apenas para motivar a busca.

Isso faz surgir o *para-si*, o que faz as vezes do “eu”. O homem tenta realizar esse *si* como ser, pois ele mesmo será sempre definido pelo nada que a consciência é originalmente, jamais um *ser-em-si*, realidade material pura e simples com consciência de sua plenitude, como é deus.

Nós buscamos a realidade *em-si-para-si*: nós desejamos ser deus, juntar a imobilidade da pedra com a consciência lúcida da totalidade. Buscamos suprir essa falta de diversas maneiras, inclusive ilusões que nos coloquem aparentemente no lugar de deus.

Como nosso desejo só se realiza sendo alguma coisa (apesar de sempre de modo parcial), nós estabilizamos o que somos como se tivéssemos alcançado a totalidade. A isso, Sartre dá o nome de *má-fé*: um truque para escapar da angústia que nos assola quando verificamos que o que queremos é intrinsecamente irrealizável. O indivíduo se faz si mesmo de forma tão exagerada que acredita ser somente aquilo, como o episódio retratado em seu livro *O Ser e o Nada*: "consideremos esse garçom de café. Tem um gesto vivo e apurado, preciso e rápido, dirige-se aos consumidores num passo demasiado vivo, inclina-se com demasiado zelo, sua voz e seus olhos experimentam um interesse demasiado cheio de solicitude para o pedido do freguês (...), ele representa, brinca. Mas representa o que? Não é preciso observá-lo muito tempo para perceber: ele representa ser garçom de café". A liberdade é um peso, uma fatalidade, e nos livrar dela é uma tentação.

Nossa liberdade se defronta com os fatos que não escolhemos e só podemos lidar, e temos de exercê-la dentro deles, por isso ela não é praticada alegremente. Mas, enquanto isso, as liberdades dos outros se limitam, esbarram umas nas outras, se determinam. Sartre disse certa vez que *o homem é uma paixão inútil*, pois seu sacrifício nunca alcança a redenção, redundando em frustração. No entanto, antes de colocar isso em

prática, ele usou seus romances (como *A Náusea*) para retratar a dificuldade desse pensamento no campo prático: nenhuma de suas personagens corresponde ao ideal teórico do existencialismo.

Observação: *Este relatório foi preparado pelo monitor do curso, um estudante universitário, com base em suas anotações da aula. É apenas uma versão do conteúdo apresentado, destinada a apoiar o aluno em seus estudos. Não substitui a presença no curso, nem outras pesquisas sobre o tema, podendo conter eventuais incorreções – caso identifique alguma, por favor, aponte-a.*